

NARRATIVAS – AS VÁRIAS FORMAS DE SE CONTAR HISTÓRIAS

Alita Tortello CAIUBY

Flávia Danielle Sordi SILVA

Mariana Guillard da Silva MAIA

Paola Roberta PEREZ

(Orientadora): Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

RESUMO: Apresentação do material didático elaborado durante o estágio supervisionado (TL 071), em 2007, do Instituto de Estudos da Linguagem, na área de Teoria Literária, sob a supervisão da Professora Dra. Márcia Azevedo de Abreu. Aqui apresentaremos o projeto, a forma como está organizado e o que foi abordado em cada um dos capítulos.

Palavras-Chave: literatura, material didático, narrativas e ensino.

Projeto

Para começar a desenvolver esse material didático sobre literatura analisamos alguns livros didáticos e percebemos que ainda que trouxessem uma nova perspectiva para o ensino da literatura, todos seguiam a divisão convencional das Escolas Literárias.

Por acreditarmos que essa convenção de ensino é fragmentada e não abrange toda a produção literária e suas especificidades, decidimos que não seguiríamos esse padrão. Partimos para a elaboração de um material que fosse diferenciado na sua organização e na abordagem dos conteúdos. Procuramos trazer em nosso fascículo assuntos de diferentes áreas, como história e inglês, a fim de apresentar ao aluno possíveis relações existentes nestas disciplinas.

No fascículo, apresentamos os diversos suportes em que podemos encontrar narrativas: livros, televisão, cinema, rádio, internet, entre outros. Trabalhamos, não só com diferentes suportes, mas também com diferentes épocas e contextos, privilegiando tanto as narrativas eruditas como as não eruditas.

Por se tratar de um fascículo, acreditamos que ele pode ser usado juntamente com o material didático adotado para a aula de português e por trazer uma perspectiva interdisciplinar, pode ser trabalhado juntamente com outras matérias escolares.

O material é dividido em 5 capítulos, em cada um deles há um elemento narrativo. Todos eles possuem um texto base, que sempre começa com uma citação, seguida de perguntas, que tentam aproximar o aluno do conteúdo que será abordado. Há boxes explicativos, todos eles partem de palavras do texto base e podem trazer explicações sobre algum termo utilizado, informações detalhadas sobre autores, filmes, etc.

Colocamos nos capítulos “atividades”, em caixas laterais, que têm ligação com algum tema trabalhado e que ajudam os alunos a entenderem melhor o conteúdo abordado. Inserimos um “você aprendeu” no final de cada capítulo para retomar os principais pontos tratados. Há ainda exercícios complementares, que podem ser utilizados depois da leitura do texto base.

Capítulo 1: Um conto em cada canto

Nosso primeiro capítulo inicia com uma apresentação sobre as narrativas orais. A intenção é explicar aos alunos que as histórias não estão tão distantes deles. Tendo como base a citação do crítico literário Jonathan Culler: “Há um impulso humano básico de ouvir e narrar histórias”, mostramos para os alunos que há muito tempo o homem sentia necessidade de se expressar. A tradição oral implica em diversos elementos como articulação dos movimentos, do tom, da entonação da voz e da fala, do estilo e do improviso.

Alguns exemplos são relacionados a esse tipo de narrativa, como os gregos e os indígenas. Mas nossa proposta é apresentar estes últimos. Para isso, há um subtítulo neste capítulo: “Narrativas Indígenas”.

Neste ponto, trazemos características culturais de um povo indígena. Além de explicar a importância da tradição oral para este povo, relacionamos as histórias orais com aquelas que os alunos possam ter contato no seu dia-a-dia. Apresentamos uma narrativa transcrita dos Sakurabiat, povo indígena brasileiro do norte do país.

É a partir dela que entramos na discussão sobre tradução. Destacamos a dificuldade de se traduzir determinados termos devido ao conhecimento comum de diferentes povos, e das estruturas de cada língua.

No primeiro capítulo o elemento narrativo apresentado é o espaço. Para tanto, focamos na narrativa oral e na escrita, em como elas são formas diferentes para se apresentar o local em que a história irá decorrer.

Capítulo 2: Na Tela

O segundo capítulo traz ao aluno as narrativas televisivas, ou seja, as telenovelas. Chamamos a atenção para o fato de que dependendo do meio em que contamos uma história fazemos uso de linguagens diferentes e empregamos determinados recursos.

No caso das telenovelas, explicamos como se dá o recurso da repetição assim como o *flash-back* e o gancho (cortes em momentos de suspense que eram utilizados em folhetins publicados no século XIX).

Destacamos a presença do *merchandising* e das propagandas durante os intervalos comerciais e explicamos a relação que há entre esses elementos e a audiência e, conseqüentemente, o tempo que as telenovelas permanecem no ar.

Evidenciamos que o autor precisa saber manipular o tempo, a fim de alongar ou encurtar a telenovela quando preciso. Também foi necessário mostrar que, diferentemente do que podemos pensar, não existe apenas um autor para a telenovela, pois muitas pessoas escrevem a trama ao mesmo tempo, ou seja, há uma equipe de escritores.

Discutimos nesse capítulo a questão do real e da ficção, uma vez que é muito comum atores serem confundidos com as personagens que representam. Com isso, aproveitamos para destacar o conceito de verossímil, ou seja, uma história que tenha elementos que façam dela uma história possível de se acreditar, ainda que não corresponda exatamente aos fatos reais.

Escolhemos a personagem como elemento narrativo a ser destacado, afinal a forma como essas são construídas na tela e no papel são diferentes por se tratar de suportes distintos.

Como muito do que é visto na televisão saiu de certa forma dos livros, também trazemos a questão da adaptação. Explicamos que ela não substitui a leitura de um livro, por tratar-se de uma das possíveis interpretações para uma determinada obra. Para melhor ilustrar essa questão encontra-se no material o exemplo da *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, que foi adaptada para a telenovela e também da série do *Sítio do Pica-Pau amarelo*, de Monteiro Lobato.

Tentamos mostrar que ainda que surjam novos suportes para se contar histórias, como a televisão, eles não competem entre si, mas coexistem, como é o caso das narrativas escritas em livros e as feitas para a tela.

Capítulo 3: No papel

No terceiro capítulo de nosso material abordamos as narrativas que possuem como suporte o papel, isto é, os livros, jornais, revistas, entre outros.

Ao trazer mais essa maneira de se contar histórias, privilegiamos as pertencentes ao gênero romanesco.

A escolha desse gênero, em particular, deveu-se ao fato de que desde o seu surgimento abrangeu camadas sociais até então afastadas da literatura, ao trazer para os livros a vida doméstica cotidiana, personagens e situações com as quais seus leitores podiam se identificar, sobrepondo-se à leitura de obras clássicas e religiosas, predominantes até a sua ascensão.

Um dos romances tratados em nosso fascículo é *O primo Basílio* (1878), do escritor Eça de Queirós. Introduzimos a discussão em torno das obras canônicas e não canônicas, apontando para o processo de consagração de algumas obras literárias e não de outras.

Dessa forma, uma de nossas preocupações foi a apresentação tanto de obras canonizadas, como de *best sellers*, da literatura contemporânea, popular ou daquela classificada como “baixa literatura”, sem transmitirmos juízos de valor para nenhuma delas.

Uma de nossas principais intenções era mostrar, justamente, como elas não podem ser julgadas pelos mesmos critérios, visto que possuem condições (e às vezes períodos cronológicos) de produção, circulação e recepção distintas.

Há, então, a referência aos autores e às obras contemporâneas como Adriana Lisboa, Godofredo de Oliveira Neto ou Cristóvão Tezza e o polêmico Paulo Coelho. Apontamos para a importância e a riqueza de muitas outras leituras além das canônicas, dependendo do contexto social e cultural onde o leitor está inserido.

O elemento narrativo trabalhado em nosso terceiro capítulo foi o narrador. Indicamos a importância da escolha dele para as histórias, sabendo que é a partir do seu ponto de vista que se apresenta a narrativa.

Além disso, destacamos os tipos de narradores (primeira ou terceira pessoa; narrador observador ou onisciente) e que ele não deve ser confundido com o autor, pois da mesma forma que as personagens ou a trama, trata-se de uma criação do autor.

Capítulo 4: Na Internet

Neste capítulo trabalhamos com a Internet. Além do uso deste meio de comunicação ser crescente entre a população, ele abriga grande quantidade de informações e textos, dentre os quais se encontra a narrativa.

Apresentamos no capítulo algumas questões importantes com relação às narrativas presentes na rede, principalmente, com relação à autoria. Explicamos que devido acessibilidade às informações veiculadas, muitas vezes, podemos

influenciar ou alterar a narrativa. Dessa forma, não é simples atribuir autoria a certos textos.

Para exemplificar e buscar uma melhor compreensão deste assunto, citamos os *blogs*. Em alguns destes podemos verificar a construção de uma narrativa em que não somente uma, mas várias pessoas, contribuem.

Numa das “atividades”, presente neste capítulo, pedimos aos alunos para construir uma narrativa em grupo, na qual cada um deles desenvolverá uma parte. Desta forma, buscamos apresentar a dificuldade que isso acarreta.

Tratamos também da linguagem utilizada na Internet que é denominada “internetês”. Esta é específica desse suporte e, muitas vezes, menosprezada por não estar de acordo com a língua culta e com a ortografia oficial. Buscamos não abordá-la desta maneira no fascículo. Nós a apresentamos como uma linguagem desenvolvida na e para a rede que é utilizada para facilitar a comunicação.

Ainda neste capítulo tratamos do enredo, já que este elemento narrativo permeia toda a discussão por nós abordada. Esse é o fio condutor que une todas as histórias contidas em uma narrativa. Não é o modo como são contadas, mas o seu conteúdo geral, seu assunto e desencadeamento.

Capítulo 5: Um nó na narrativa

No último capítulo, optamos por fazer uma junção dos temas abordados nos anteriores, retomando, seja através do próprio texto ou das atividades presentes, as questões previamente discutidas. Isto nos permitiu mostrar a existência de variações históricas e culturais entre as narrativas, que é um dos nossos principais objetivos.

Mostramos o procedimento, muito recorrente, de coexistência de muitas narrativas dentro de uma mesma história. Para tanto, usamos como exemplo a obra *As mil e uma noites*.

Tratamos também das diferenças de linguagem na narrativa, associando os diversos tipos de texto abordados ao longo do fascículo. Ressaltamos que os diversos meios de narrar são influenciados por aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. Além disso, reafirmamos aquilo que estava implícito em cada um dos capítulos anteriores, que o suporte influencia diretamente na forma de construção das narrativas.

Neste capítulo escolhemos para trabalhar o tempo, como elemento narrativo. Apontamos para os diferentes tipos, como o cronológico e o histórico.

Finalmente, pretendemos expor que é possível contar histórias por meio de músicas. Citamos o musical *A ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Holanda e Edu Lobo, de que faz parte uma música que conta a história de Geni, uma prostituta que fora escorraçada pelas pessoas do lugar onde morava.

Conclusão

O desenvolvimento deste fascículo didático permitiu-nos, indubitavelmente, enriquecermos nossa formação acadêmica, além de aprofundarmos nosso olhar em relação à forma como os conteúdos podem ser trabalhados em sala de aula.

Entre tantas abordagens possíveis, acreditamos que a partir deste material, em especial, o leitor pode se voltar de maneira diferente para a leitura, a escrita e o universo literário de modo geral.

Pretendemos mostrar que a literatura não está unicamente nos livros escolares, mas em muitos outros lugares e que as narrativas podem ser contadas nas pedras, nas conversas, na televisão, nos livros, na internet ou na música, entre outras maneiras.

Referências Bibliográficas:

- ALBERT B. L. (1960). *The Singer of Tales* Cambridge, MA: Harvard Univ. Press.
- BORGES, J. L. (1985). "O Livro". In: *Cinco visões pessoais*, Editora da UNB, Brasília.
- CHARTIER, R. (1999). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, SP.
- CULLER, J. (1999). *Teoria Literária: uma introdução*, Beca, SP.
- D'ANGELIS, W. R. *Formação do professor indígena*, CEFIEL, Campinas.
- ECO, U. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Companhia das letras, SP.
- FARAGE, N. (1997). *As flores da fala: práticas, retóricas entre os wapishana*, Universidade de São Paulo, SP.
- GALUCIO, A. V. (2006). *Narrativas Tradicionais Sakurabiat-Mayãp Ebõ*, Museu Paraense Emílio Goeld, Belém.
- GANCHO, C. V. (1991). *Como analisar narrativas*, Ática, SP.
- LAJOLO, M. (2004). *Como e por que ler o romance no Brasil*, Objetiva, SP.
- LÉVY, P. (2004). *As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*, Editora 34, SP.
- WATT, I. (1990). *Ascensão do romance*, Companhia das Letras, SP.